

as JORNADAS EDUCATIVAS

Redes e Caminhos da Educação
no Nordeste Alentejano

Prof^a. Dr^a. ARIANA COSME
Prof. Dr. MARÇAL GRILO

9 SET. 2026 MARVÃO

- 03 - Editorial** *José Emílio Pernas*
- 04 - I Jornadas Educativas do Nordeste Alentejano** *CEFOPNA*
- 05 – Liderança Digital e Inteligência Artificial na Direção de Escolas** *Agrupamento de Escolas de Campo Maior*
- 08 – Quando a escola faz ciência** *Agrupamento de Escolas D. Sancho II*
- 12 – Educação Relacional: construir uma cultura de relações** *Agrupamento de Escolas José Régio*
- 18 – Aulas Nómadas: Aprender fora da sala de aula em parceria ibérica** *Agrupamento de Escolas Adelaide Cabette*
- 22 – AEBest! Summer Camp 2026** *Agrupamento de Escolas do Bonfim*
- 26 – Educar pela positiva** *Escola Secundária S. Lourenço*
- 29 – Job Shadowing** *CEFOPNA*
- 30 – Balanço da Medida Régio Hypatiamat** *João Carlos Pinheiro Correia (AE José Régio)*
- 31 – Escola e Território: Mapear para Integrar – O Caso de Portalegre** *Ana Rute Sanguinho (AE José Régio)*
- 37 – Portalegre com Voz Firme na Assembleia da República** *Manuel Paixão (AE Bonfim)*
- 40 – As Atividades de Cooperação Europeia no Percuro Educativo do Agrupamento de Escolas José Régio** *António Mendes (AE José Régio)*
- 44 – Do papel ao código: Inteligência Artificial na Administração Escolar no Alto Alentejo** *João Paulo Mourato (AE Bonfim)*
- 47 – CRTIC de Portalegre e CEFOPNA reforçam intervenção na educação inclusiva com formação** *Carla Louro e Laura Chagas (CRTIC)*
- 48 – Laboratórios de Educação Digital: Formação, Partilha e Inovação Pedagógica no Agrupamento de Escolas de Arronches** *Sónia Pimentel (CEFOPNA)*
- 49 – Laboratórios de Educação Digital: Cenários de Aprendizagem Ativa –Formação promove inovação pedagógica em Elvas** *Vanda Marques (CEFOPNA)*
- 50 – Atualização e aprofundamento científico-didático no ensino de E. Artística no 1º ciclo** *Sofia Alegria (CEFOPNA)*
- 52 – Atualização e aprofundamento científico-didático no ensino de Português** *Fátima Bonzinho (CEFOPNA)*
- 54 – “Criar para Aprender: Produção de Media com a Biblioteca Escolar”** *Fátima Bonzinho e Teresa Guerreiro (CEFOPNA)*
- 56 – Atualização e aprofundamento científico-didático no ensino de Física e Química** *Raquel Gomes (CEFOPNA)*
- 57 – O que pensamos quando pensamos num retrato?** *Rita Gonçalves e Irina Duarte (MN Arte Antiga)*
- 58 – Canva na educação** *Laura Chagas (CEFOPNA)*
- 59 – Sala de aula digital** *Cláudia Chorinca e Laura Chagas (CEFOPNA)*
- 60 – Criação de materiais com recurso à IA** *Cecília Lajoso (CEFOPNA)*
- 62 - A importância da formação em cibersegurança na formação de professores** *João Paulo Mourato (AE Bonfim)*
- 63 – 20 Anos de Avaliação Externa das Escolas** *(CEFOPNA)*

Ficha Técnica

Direção: José Emílio Pernas

Conselho Editorial: Marta Roque, Sónia Pimentel, Laura Chagas.

Edição Gráfica: Paulo Matos

Site: www.cefopna.edu.pt

Formação: <https://www.cefopna.cfae.pt/>

Plataforma de formação: <https://moodle.cefopna.edu.pt/>

Email: cefopna@gmail.com

Telefone: 245 205 768

PROFFORMA

N.º 31
ANO 2026

ESCOLA E TERRITÓRIO: MAPEAR PARA INTEGRAR – O CASO DE PORTALEGRE

1. Introdução: a escola para além dos muros

A escola contemporânea não pode ser entendida como uma ilha de saber isolada do seu contexto geográfico e social. No quadro legislativo vigente, nomeadamente no âmbito da autonomia e flexibilidade curricular e do Programa TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária), a articulação com o território constitui um imperativo estratégico. Este estudo nasce da convicção de que o sucesso escolar e a inclusão social dependem da capacidade de mobilizar os recursos educativos envolventes, partindo de uma estreita ligação à realidade e à gestão de um Agrupamento de Escolas, no concelho de Portalegre.

O presente artigo apresenta os resultados de uma investigação que visou cartografar a rede de educação não-formal em Portalegre. O objetivo não foi apenas listar instituições, mas sim identificar o potencial do território enquanto ecossistema de aprendizagens que, embora muitas vezes invisível para o sistema formal, desempenha um papel crucial na formação integral dos alunos e na qualificação da população adulta.

A relevância desta investigação sustenta-se numa profunda inserção profissional e associativa no território em análise. A conjugação de um envolvimento de vários anos no associativismo cultural local, com uma experiência de quase duas décadas na docência (abrangendo o 1.º Ciclo, a educação especial e, atualmente, a direção de um agrupamento de escolas), confere um olhar privilegiado sobre as dinâmicas locais. Esta dupla perspetiva permitiu reconhecer o papel das organizações na promoção de aprendizagens enriquecedoras e a urgência de refletir sobre a rede de qualificação disponível para uma política educativa mais sustentada e inclusiva.

Esta simbiose entre a experiência vivida e a prática profissional exige, contudo, um suporte concetual que permita ler o território não apenas como um cenário, mas como um agente educador ativo. Para que o mapeamento proposto transcenda a mera inventariação e se torne uma ferramenta de intervenção estratégica, importa fundamentar a análise numa lente teórica que valorize a singularidade destes contextos. É neste hiato entre o formal e o não-formal que surge a necessidade de convocar conceitos que deem voz à identidade pedagógica da região.

2. O Conceito: Educogenia e “Didáticas do Território”

Para transitar deste mapeamento descritivo para uma práxis transformadora, a investigação ancora-se no conceito de educogenia, introduzido por Pierre Furter (1931-2020), que identifica o potencial educativo intrínseco de um determinado meio ambiente ou território (González, 2021). Sob esta ótica, o potencial pedagógico de uma região não se esgota nas suas fronteiras físicas ou no volume de instituições formais, mas reside na vitalidade dos seus recursos interpessoais, na sua autoestima coletiva e na capacidade organizativa da própria comunidade (Nico, 2011; Furter cit. por González, 2021). O território deixa de ser um mero cenário passivo e assume-se como um agente educador ativo e integrador, onde os recursos naturais, o património histórico e as interações culturais oferecem laboratórios vivos de cidadania e de aprendizagem ao longo da vida.

Esta perspetiva ganha uma intencionalidade prática e metodológica quando articulada com o conceito de “didáticas do território” (Nico, 2022). Em regiões de forte identidade cultural e com as especificidades do interior, como o Alentejo e o concelho de Portalegre, a aprendizagem foi historicamente construída pelas gentes para se construírem a elas próprias. Trata-se de um saber organicamente enraizado e transmitido na ação, na experiência e no associativismo cultural, que frequentemente floresce à margem e em complementaridade com a escola formal. Unir a flexibilidade curricular contemporânea e o mapeamento destas respostas de educação não-formal constitui, assim, o suporte indispensável para desenhar políticas educativas locais que sejam genuinamente sustentadas, inclusivas e territorializadas.

A Educação “Ombro a Ombro”

A base teórica desta investigação bebe do pensamento de Alberto Melo, que defende uma educação baseada no diálogo e na ação coletiva. A expressão “formação ombro a ombro” (Melo, cit. por Amiguiño, 2013) sintetiza a paridade de estatuto entre quem ensina e quem aprende, valorizando os saberes adquiridos ao longo da vida. Esta visão é particularmente transformadora quando aplicada à realidade de Portalegre, onde identificámos contextos de aprendizagem fundamentais:

Ana Rute Sanguinho*
Bravo Nico*

* Centro de Investigação em Educação
e Psicologia / Universidade de Évora

- **Associativismo Desportivo e Cultural:** Espaços de liderança, responsabilidade e preservação de memória coletiva.

- **Bandas Filarmónicas e Grupos de Teatro:** Verdadeiras escolas de cidadania e competências artísticas que fortalecem a identidade comunitária.

- **Ofícios Tradicionais:** Onde “mestres” (artesãos, agricultores, carpinteiros,...) transmitem um saber-fazer prático que a escola formal raramente consegue replicar.



O Fosso entre o Formal e o Comunitário

A investigação revela, contudo, uma tensão: desde a adesão à CEE, Portugal privilegiou um modelo de educação formal e certificado, muitas vezes focado em métricas europeias e desligado das dinâmicas locais. Como alerta Bravo Nico (2020), existe uma “coexistência pacífica, mas pouco cooperativa” entre estes dois mundos. O desafio que lançamos aos professores e instituições é o de construir pontes. Se “nada nem ninguém pode ficar para trás”, então a escola deve ser o motor que articula o conhecimento

Autor	Ano	Título da Investigação	Utilização do QAI
Bravo Nico	2002	Cartografia das Aprendizagens de Nossa Senhora de Machede, Torre de Coelho e São Miguel de Machede	Construção, validação e aplicação inicial do QAI
Carlos Calhau	2006	Parcerias entre escolas e outras instituições do concelho de Moura	Aplicação de uma versão baseada no projeto de 2002
Maria Barroso	2010	Cartografia educacional da freguesia de Vila Nova de São Bento	Aplicação do QAI I e II
Luísa Carvalho	2010	A Aprendizagem de Indivíduos Não-alfabetizados Pertencentes a Comunidades com Elevados Índices de Analfabetismo	Aplicação do Questionário das Aprendizagens Pessoais (QAP)
Bravo Nico	2011	Arqueologia das Aprendizagens em Alandroal	Aplicação do QAI I e II e do QAP
Margarida Grosso	2012	“Arqueologias” das aprendizagens em Capelins (Santo António) - Alandroal (1997-2007)	Aplicação do QAI I e II
Cristina Malta	2013	A cartografia educacional de um território como fator enriquecedor da oferta educativa. O caso da localidade de São José da Lamarosa	Aplicação do QAI I e II, adaptado e testado
Fernando Ruas	2014	Carta Educacional do Concelho de Aljustrel como elemento impulsionador do Enriquecimento Educativo Local	Aplicação do QAI I e II, com pequenas adaptações
Merciana Rita	2018	Cartografia Educacional do Concelho de Viana do Alentejo	Aplicação do QAI I e II
Lúcia Mirão	2022	Cartografia Educacional do concelho de Monforte	Aplicação do QAI I, II e III

Tabela 1

Investigações académicas em que foi aplicado o Questionário das Aprendizagens Institucionais (QAI)

científico com o saber experiencial dos mestres locais.

Mapear o território de Portalegre é, portanto, o primeiro passo para que a escola possa “capitalizar estes ativos” (Ruas, 2014), transformando o concelho num laboratório vivo de aprendizagem.

3. Percurso Metodológico: A Cartografia como Ferramenta de Escuta

Para compreender o território educativo de Portalegre, optou-se por uma abordagem metodológica mista, que articulou a objetividade dos dados quantitativos com a profundidade da análise qualitativa. Esta escolha permitiu-nos não só identificar quantas instituições existem, mas também compreender a natureza das aprendizagens que nelas ocorrem.

O processo de cartografia educacional estruturou-se em duas etapas fundamentais, ou “fileiras” de investigação: mapeamento e caracterização.

3.1. Do Macro ao Micro: As Duas Fases do Estudo

A abordagem metodológica desta investigação estruturou-se em duas fases sequenciais e complementares, transitando de uma perspetiva macro de mapeamento territorial para uma análise micro de caracterização institucional.

- **Mapeamento (Fase Macro):** Decorrida entre 2019 e 2023, esta fase consistiu na identificação exaustiva do universo de 198 Instituições com Potencial Educativo (IPE) no concelho de Portalegre, permitindo desenhar o panorama geral da rede de qualificação disponível no território. Para efeitos deste estudo, entende-se por IPE o conjunto de organizações que, desenvolvendo uma atividade regular no território, apresentam uma dimensão educativa intrínseca e são validadas ou reconhecidas pela autarquia e pelas respetivas Juntas de Freguesia.

Este entendimento teórico-operacional converge com o conceito mobilizado por Tobias (2012, p. 2) que, na sua investigação no concelho do Alandroal, recorre à designação de episódio de Aprendizagem Institucional para qualificar “(...) toda a situação formativa disponível nas instituições, em que fosse possível identificar uma sequencialidade e intencionalidade tendo em vista promover a aquisição de conhecimentos e/ou competências, independentemente das circunstâncias da sua ocorrência”. Embora assentem em nomenclaturas distintas, ambos os constructos remetem para a identificação de contextos institucionais com capacidade educativa efetiva, assumindo-se como pilares fundamentais para traçar a cartografia da

educação não-formal no território em análise.

• **Caracterização (Fase Micro):** A partir do universo inicialmente mapeado, selecionou-se uma amostra de 50 IPE para uma abordagem aprofundada. Esta etapa permitiu analisar detalhadamente a organização interna destas entidades, bem como a tipologia e a natureza das aprendizagens não-formais que dinamizam junto da comunidade local.

3.2. O Instrumento: Questionário de Aprendizagem Institucional (QAI)

A recolha de dados foi sustentada pelo QAI, um instrumento validado cientificamente e com uma sólida genealogia em estudos de cartografia educacional desenvolvidos no seio do Centro de Investigação em Educação e Psicologia (CIEP) da Universidade de Évora. A aplicação desta ferramenta confere elevado rigor ao presente estudo, beneficiando de um percurso amplamente testado no contexto nacional e regional. Como se observa na Tabela 1, o instrumento tem sido a opção de eleição para analisar territórios como Mora (Calhau, 2006), Alandroal (Nico, 2011; Grosso, 2012), Aljustrel (Ruas, 2014) ou Monforte (Mirão, 2022), entre outros.

3.3. A Investigação como Prática de Proximidade

Mais do que a aplicação de inquéritos, esta metodologia exigiu uma presença constante no território. Como investigadora e, simultaneamente, profissional da educação no concelho, o processo de recolha de dados foi uma oportunidade de escuta ativa.

Nas entrevistas e na aplicação dos questionários (momentos que as fotos que integram este artigo ilustram), foi possível captar a resiliência dos dirigentes locais. Muitos destes responsáveis, muitas vezes voluntários, mantêm vivas instituições que são verdadeiros pilares de coesão social e que, sem este mapeamento, permaneceriam “invisíveis” para o sistema formal de ensino.

4. Resultados: o retrato educativo de Portalegre

A cartografia educacional realizada revelou que o concelho de Portalegre possui um território educativo vasto e heterogéneo. Foi identificado um universo de 198 Instituições com Potencial Educativo (IPE), o que confirma a existência de uma rede de qualificação densa que opera, em larga escala, à margem do sistema formal de ensino.

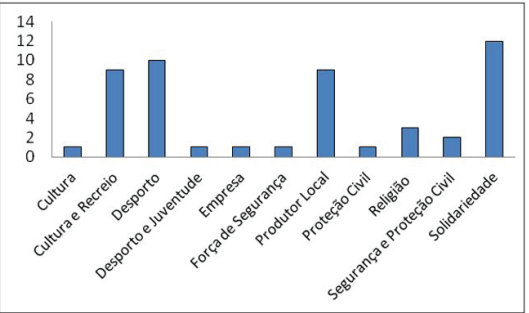
No que respeita à tipologia destas 198 instituições, regista-se uma maior incidência daquelas que são vocacionadas para o Desporto (52), seguindo-se a Cultura e Recreio (24) e a Solidariedade (14). No âmbito dos Saberes Tradicionais, os Produtores de Vinhos (18) e o Artesanato Urbano (14) emergem também como áreas de expressão significativa no território.

Do ponto de vista da distribuição geográfica, a União de Freguesias de Sé e de São Lourenço

Freguesia		Rurais							TOTAL
		Sé e São Lourenço	Alagoa	Alegrete	Fortios	Reguengo e São Julião	Ribeira de Nisa e Carreiras	Urra	
Categoria									
Cultura e Recreio		17	2	1	1	0	1	2	24
Desporto		39	1	2	2	2	4	2	52
Solidariedade		6	0	1	2	2	2	1	14
Religião		5	0	0	0	0	0	0	5
Segurança e Proteção Civil		5	0	0	0	0	0	0	5
Saberes Tradicionais	Artesanato Urbano	12	0	0	0	0	1	1	14
	Artesanato Tradicional	Cortiça	2	0	2	0	0	1	5
		Madeira	1	0	0	0	0	0	1
		Couro	1	0	0	0	0	0	1
		Bordado	1	0	0	0	0	0	1
		Pedra	2	0	0	0	0	0	2
		Arte Pastoral	1	0	0	0	0	0	1
	Produtores de bebidas	Azeite	1	0	1	1	0	0	3
		Cerveja e outras bebidas	4	0	1	0	0	0	5
	Produtores de diversos produtos		2	0	1	1	0	0	4
	Doceiros	Convencionais	7	0	1	0	0	1	9
		Tradicionais	2	0	2	0	1	0	5
	Ervas aromáticas		1	0	1	0	0	2	4
	Hortofrutícolas		3	0	0	0	2	0	6
	Produtores de vinhos		6	0	4	0	5	1	18
	Produtores de salsichas		1	0	0	0	0	1	2
	Produtores de queijo		0	0	0	0	1	1	2
	Panificadoras		3	0	3	2	0	1	10
	Mel (apicultores)		3	0	0	0	0	0	5
TOTAL		125	3	20	9	13	14	14	198

(freguesia urbana) centraliza a maior fatia desta rede, concentrando 125 instituições. Entre as freguesias rurais, destacam-se Alegrete (20), as Uniãos de Freguesias de Ribeira de Nisa e Carreiras (14) e de Reguengo e São Julião (13), bem como a freguesia de Urra (14). A Tabela 2 detalha este mapeamento por categoria e área geográfica.

Após a categorização inicial deste universo de



Fonte: Inquérito por questionário (2024)

aprendizagens não-formais, procedeu-se à seleção de uma amostra de 50 IPE. Esta subamostra serviu de base para a aplicação de dois instrumentos de recolha de dados: o “Questionário das Aprendizagens Institucionais” QAI (I) e o QAI (II). Importa referir que, para cada aprendizagem institucional identificada através do QAI (I), recorreu-se ao QAI (II) com o intuito de caracterizar as atividades específicas que envolveram a respetiva aprendizagem ao longo do horizonte temporal em estudo (2019-2023).

A distribuição geográfica destas 50 IPE inquiridas reflete, de forma proporcional, o universo mapeado. A maioria das entidades localiza-se na União de Freguesias de Sé e São Lourenço (31), seguindo-se a freguesia de Urra (5). Com uma representação de

Tabela 2
Universo das instituições por categoria e freguesia

Gráfico 1
Instituições com Potencial Educativo: área de atividade

3 instituições cada, surgem as Uniões de Freguesias de Ribeira de Nisa e Carreiras e de Reguengo e São Julião, bem como as freguesias de Fortios e Alegrete. Por fim, a freguesia de Alagoa conta com 2 instituições integradas na amostra.

4.1. Natureza e diversidade das aprendizagens

As aprendizagens promovidas por estas instituições não se esgotam no lazer; cobrem, pelo contrário, um espectro diversificado de áreas essenciais para a formação humana. Através da análise da amostra (50 IPE), podem-se observar as áreas com maior incidência.

No que concerne à área de atividade, a distribuição das 50 entidades inquiridas revela que a educação não-formal em Portalegre não se concentra num único setor, dispersando-se por: Instituições de Solidariedade (12); Desporto (10); Cultura e Recreio (9); Produtores Locais (9); Religião (3); Segurança e Proteção Civil (2); Cultura (1); Desporto e Juventude (1); Empresa (1); e Força de Segurança e Proteção Civil (1).

Esta diversidade reflete a transversalidade da educação não-formal na resposta às múltiplas necessidades da comunidade. Por um lado, a

Objetivos	Frequência Absoluta (N)	Frequência Relativa (%)
Caráter lúdico / recreativo	120	21,6
Desenvolvimento local	90	16,2
Melhorar o serviço prestado	62	11,2
Promoção da informação	59	10,6
Promoção da cultura	39	7,0
Promoção do apoio social	38	6,8
Formação do pessoal da instituição	21	3,8
Indicação de outro objetivo relevante (indicado em baixo)	21	3,8
Melhorar a comunicação e os contactos	21	3,8
Formação escolar	19	3,4
Marketing e publicidade	19	3,4
Formação profissional	14	2,5
Criação de novos serviços e/ou produtos	10	1,8
Formação profissional e escolar	8	1,4
Maior produtividade/lucros	8	1,4
Modernização da própria instituição	5	0,9
Preparação de início de nova atividade	1	0,2
Totais	555	100,0

Tabela 3

Os principais objetivos da atividade de aprendizagem

expressividade dos produtores locais (9) sublinha a importância destes agentes na valorização e preservação do património e dos saberes tradicionais, bem como no estímulo ao empreendedorismo local. Por outro lado, a presença de apenas uma empresa sugere um envolvimento ainda incipiente do setor privado em iniciativas de educação não-formal no concelho.

Para os educadores, estes dados são fundamentais: demonstram que o associativismo local em Portalegre assume um papel ativo na capacitação para o trabalho e na preservação da identidade cultural. Adicionalmente, o peso significativo de áreas como a cultura, o recreio e o desporto espelha a forte tradição filarmónica e associativa da região.

4.2. Objetivos: para além do recreio

No âmbito do Questionário de Aprendizagem Institucional (QAI), os representantes das instituições mapeadas foram solicitados a selecionar até

três objetivos prioritários para cada atividade de aprendizagem, a partir de uma listagem pré-definida, salvaguardando-se a possibilidade de acrescentar opções mais específicas. No tratamento estatístico dos dados, as respostas de natureza livre foram integradas e codificadas na matriz geral. A Tabela 3 sistematiza a distribuição das frequências absolutas e relativas das dimensões assinaladas.

Os principais objetivos da atividade de aprendizagem Os dados revelam que os três principais objetivos reúnem quase metade da totalidade das menções (49,0%): o “caráter lúdico / recreativo” (21,6%), o “desenvolvimento local” (16,2%) e a “melhoria do serviço prestado” à comunidade (11,2%). Em contrapartida, domínios de cariz instrumental ou formal registam menor expressividade no ecossistema não-formal de Portalegre, tais como a “formação profissional e escolar” (1,4%) e a “modernização da própria instituição” (0,9%). Nota-se ainda a ausência absoluta de referências a dimensões burocráticas como a “adaptação a nova legislação” ou “aquisição de bens”.

A análise qualitativa das respostas abertas (categoria “outro objetivo relevante”) confere densidade empírica a estes resultados. Emergem, por um lado, finalidades práticas e de sustentabilidade associativa, como a «formação de jovens praticantes de atletismo» [I1, Q2.1., do QAI (II)], o intuito de «desenvolver o raciocínio» [I17, Q2.1., do QAI (II)] ou a necessidade de «angariar pessoal para as novas fileiras» [I27, Q2.1., do QAI (II)]. Por outro lado, destaca-se a centralidade da preservação da memória e da solidariedade local através de metas como «manter as tradições populares» [I23, Q2.1., do QAI (II)], «promover a solidariedade» [I38, Q2.1., do QAI (II)], «promover o convívio entre os habitantes da freguesia» [I30, Q2.1., do QAI (II)], «promover encontros geracionais» [I34, Q2.1., do QAI (II)], «aproximar a comunidade do lar» [I28, Q2.1., do QAI (II)] e a «capacitação para atividades essenciais no dia-a-dia» [I13, Q2.1., do QAI (II)].

Este conjunto de testemunhos reitera a articulação orgânica entre a atividade das instituições e as prementes necessidades de coesão e inclusão comunitária do território, sugerindo que, em Portalegre, se aprende convivendo. O prazer da atividade partilhada constitui, assim, a base fundamental para o reforço da coesão territorial e para o desenvolvimento do apoio social.

4.3. Destinatários: uma rede intergeracional e inclusiva

Um dos resultados mais animadores para a prática pedagógica é a natureza inclusiva destas instituições. A maioria das atividades (61,1%) destina-se à comunidade envolvente e cerca de 60% das instituições afirmam dirigir as suas aprendizagens a todos os grupos etários.

Esta característica transforma o território num espaço privilegiado de transmissão intergeracional.

Para uma escola que procura combater o isolamento e promover a equidade, estas 198 IPE representam parceiros estratégicos que podem acolher os seus alunos em contextos de aprendizagem reais e diversificados.

5. Discussão: Portalegre como laboratório de cidadania

Os resultados obtidos confirmam a existência de “didáticas do território”. Este conceito manifesta-se através de aprendizagens que, embora não certificadas, possuem um elevado impacto na resiliência e na identidade de Portalegre.

5.1. A Escola que capitaliza ativos

Como sublinha Fernando Ruas (2014), a escola deve motivar os seus alunos aproveitando o potencial educativo que está “a poucos metros dos seus portões”. No contexto de um Agrupamento de Escolas TEIP, esta articulação não é apenas desejável; é uma ferramenta de equidade. As 198 instituições mapeadas são, na verdade, 198 escolas de cidadania ativa. Quando os dados revelam que estas entidades trabalham com todos os grupos etários (60%), abre-se uma janela de oportunidade para projetos de transmissão intergeracional. O “saber-fazer” dos mestres locais de Portalegre pode e deve dialogar com o currículo formal, combatendo a erosão cultural e a desmotivação escolar.

5.2. Superar o fosso: do formal ao comunitário

A investigação evidencia que ainda existe uma “coexistência pacífica, mas pouco cooperativa” entre o modelo formal/certificado e o saber tradicional. Para que “nada nem ninguém fique para trás”, é imperativo que a escola lidere a criação de um ecossistema educativo robusto. Isto passa por reconhecer que a educação não-formal em Portalegre funciona como uma rede de segurança que chega onde as instituições formais têm dificuldade em chegar.

a Carta Educativa do Concelho, sugerindo que o planeamento estratégico municipal deve:

- Reforçar a rede de stakeholders, promovendo espaços de partilha de saberes e recursos.
- Criar canais de comunicação eficazes, como plataformas digitais, que tornem visíveis as ofertas de aprendizagem das 198 IPE identificadas.
- Promover encontros regulares entre instituições de educação formal e não-formal para partilha de projetos comuns.

6.2. Recomendações para as Escolas

As escolas devem estar atentas a este potencial para:

- Estabelecer parcerias curriculares, especialmente para alunos de cursos profissionais, turmas PIEF e alunos com medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão, facilitando a sua inclusão e transição para a vida ativa.
- Sensibilizar os jovens para o papel das instituições locais, incentivando-os a integrar os órgãos sociais destas associações no futuro, garantindo a renovação geracional das mesmas.

7. Divulgação e Disseminação Científica

No âmbito do nosso compromisso com a devolução dos resultados à comunidade científica e académica, o percurso e as conclusões desta investigação têm vindo a ser ativamente partilhados em diferentes contextos e fóruns de relevância nacional e internacional.

Em fevereiro de 2025, foi apresentada uma comunicação no Colóquio Internacional AFIRSE, evidenciando o papel decisivo da educação não-formal enquanto complemento ao sistema formal, com foco no desenvolvimento comunitário e na aprendizagem ao longo da vida.

Adicionalmente, a investigação foi partilhada em contexto letivo no Curso de Doutoramento da Universidade de Évora. Este momento constituiu um espaço de debate e de construção partilhada



Figura 1
Apresentação da comunicação oral intitulada “Educação Não-Formal no Concelho de Portalegre: Uma Cartografia da Realidade”, no âmbito do Colóquio Internacional AFIRSE. Fevereiro de 2025

6. Conclusões e recomendações: um guia para a ação

Este estudo não termina no mapa; ele pretende ser um guia para intervenções e políticas que atendam às necessidades do concelho de Portalegre.

6.1. Contributos para a carta educativa

A investigação constitui uma mais-valia para

de conhecimento, servindo para dar testemunho metodológico sobre o processo de cartografia desenvolvido entre os anos de 2019 e 2023.

Mais recentemente, em 2026, os dados foram consolidados e discutidos no plano internacional através da apresentação de uma comunicação no XVIII Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade (EDUCON 2026), reforçando a

Figura 2

Partilha de testemunho científico sobre a cartografia da educação não-formal (2019-2023), no âmbito do Curso de Doutoramento da Universidade de Évora. Évora, Portugal, março de 2026.



XVIII EDUCON 2026 | Sessão de Trabalhos



Figura 3

Apresentação da comunicação oral "Educação não-formal e práticas educativas no território: cartografia da rede de qualificação em Portalegre", no âmbito do XVIII Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade (EDUCON 2026). São Cristóvão/Brasil, abril, 2026.

premência das práticas educativas integradas no Alentejo.

Reflexão final: uma perspetiva partilhada

A realização deste estudo traduziu-se num enriquecedor processo de reconfiguração da nossa identidade profissional e pedagógica. A oportunidade de olhar para o concelho de Portalegre, para além da realidade circunscrita do Agrupamento de Escolas, proporcionou-nos um conhecimento mais robusto e sistémico sobre as dinâmicas territoriais. Mapear foi ouvir com atenção; e compreender é, efetivamente, o primeiro passo para a contínua transformação das nossas práticas educativas.

Referências Bibliográficas

- Amiguiño, A. (2013). Entrevista: A educação de adultos como forma educativa e política de resistência. *Revista Aprender*, (outubro), 5-12. <http://aprender.esep.pt/index.php/aprender/article/view/73/62>
- González, M. V. (2021). A "Educogenia": o potencial educativo do contexto. *Revista Pedagogia Social UFF*, 13(3), 1-9. <https://doi.org/10.22409/rpsuff.v13i3.60985>. periodicos.uff.br
- Grosso, M. (2012). "Arqueologias" das aprendizagens em Capelins (Santo António) - Alandroal (1997-2007) [Dissertação de mestrado, Universidade de Évora]. Repositório Digital da Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/15244>
- Malta, M. (2013). A cartografia educacional de um território como fator enriquecedor da oferta educativa. O caso da localidade de São José da Lamarosa [Dissertação de mestrado, Universidade de Évora]. Repositório Digital da Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/10881>
- Mirão, L. (2022). Cartografia educacional do concelho de Monforte (2008-2018). [Tese de Doutoramento em Ciências da Educação, Universidade de Évora]. Repositório da Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/32384>
- Nico, B. (Coord.). (2011). *Arqueologia das Aprendizagens em Alandroal*. Edições Pedagogo, Lda.
- Nico, B. (2020). Educação de Adultos: Nada pode ficar para trás! In M. Miguéns (Coord.), *Educação de adultos: Ninguém pode ficar para trás* [Textos do Seminário realizado no Conselho Nacional de Educação em 20 de setembro de 2018] (pp. 25-28). Conselho Nacional de Educação. https://www.cnedu.pt/content/edicoes/seminarios_e_coloquios/Educacao_de_adultos_Publicacao.pdf
- Rita, M. (2018). *Cartografia Educacional do Concelho de Viana do Alentejo*. [Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação - Administração, Regulação e Políticas Educativas, Universidade de Évora]. Repositório da Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/24364>
- Ruas, F. (2014). Carta educacional do Concelho de Aljustrel como elemento impulsionador do enriquecimento educativo local [Dissertação de mestrado, Universidade de Évora]. Repositório Digital da Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/10808>
- Tobias, A. (2012). Alandroal: um município do Alentejo, um objecto de investigação, um território de formação e um projecto de intervenção social da Universidade de Évora. *Asociación Española de Psicología Conductual*. <http://hdl.handle.net/10174/8567> ■